

ARTIGO

Literatura LGBTQIA+ e as apropriações leitoras: uma análise sobre representatividade através da obra Enquanto Eu Não Te Encontro de Pedro Rhuas

Ruan Gomes Menezes¹

¹ Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6161-4378>. E-mail: ruangomes.ufc@gmail.com.

RESUMO

O presente artigo é resultado de uma monografia que discute a questão da literatura LGBT a partir do domínio do conceito de apropriação da informação à luz da Mediação informacional através da leitura literária de Enquanto Eu Não Te Encontro, uma obra oriunda da literatura LGBTQIAPN+ brasileira. Apoiar-se em estudos conceituais de Cavalcante, Guaraldo, Borges e Almeida Junior acerca de Mediação e Apropriação da informação somados aos estudos de Antonio Candido, Arthur Nocchi, Renan Quinalha, Michèle Petit e João Silvério Trevisan sobre literatura e literatura LGBT. Como questão de pesquisa apresenta o questionamento: Como o público leitor entende a representatividade mediada pela obra Enquanto Eu Não Te Encontro? Aborda uma análise de como a apropriação literária se apresenta por meio da conexão entre o indivíduo e o texto. Conclui que a apropriação da leitura literária, no contexto da obra Enquanto Eu Não Te Encontro, se dá a partir da relação entre os leitores e a obra, não somente por causa da identificação com as situações contextuais presentes na narrativa, mas também por meio da comunicação da escrita de Rhuas que cativa através da leveza de escrita, da construção de vivências da comunidade LGBTQIAPN+.

Palavras-chave: Literatura LGBTQIAPN+. Apropriação da Informação. Mediação da leitura.

ABSTRACT:

This article is based on a monograph that examines the issue of LGBT literature through the lens of the concept of information appropriation in the context of information mediation, using a literary analysis of **Enquanto Eu Não Te Encontro**, a work from Brazilian LGBTQIAPN+ literature. It draws on conceptual studies by Cavalcante, Guaraldo, Borges and Almeida Junior concerning information mediation and appropriation, alongside studies by Antonio Candido, Arthur Necchi, Renan Quinalha, Michèle Petit and João Silvério Trevisan on literature and LGBT literature. The research question posed is: How does the reading public understand the representation mediated by the work **Enquanto Eu Não Te Encontro**? It examines how literary appropriation manifests itself through the connection between the individual and the text. It concludes that the appropriation of literary reading, in the context of the work **Enquanto Eu Não Te Encontro**, arises from the relationship between readers and the work, not only because of identification with the contextual situations present in the narrative, but also through the communication conveyed by Rhuas's writing, which captivates through its lightness of touch and the portrayal of the experiences of the LGBTQIAPN+ community.

Keywords: LGBTQIAPN+ literature. Information literacy. Reading mediation.

1 INTRODUÇÃO

A leitura como processo de comunicação humana vem, através de eras e séculos, atuando como agente de transformações. No Brasil, desde o século XIX, com a vinda da corte portuguesa e a inserção de uma seriada e abrupta influência da língua colonizadora é possível notar, de modo geral, que as transposições do português culto em conjunto das línguas indígenas e de origem africana resultaram, não somente na cultura da língua falada, como também influenciaram na escrita literária.

Segundo Candido (1999), observando a cronologia da literatura no Brasil é verossímil a presença do Arcadismo e do Romantismo, principalmente durante o século XVIII. Ao saltarmos para a contemporaneidade o Romantismo se faz bastante presente em obras literárias, autores como Nicholas Sparks, Colleen Hoover e Christina Lauren se encontram nas listas de livros mais vendidos em 2023 da Amazon Brasil.

No tocante à Literatura Queer é possível visualizar que a mesma tem ganhado amplo espaço no mercado literário brasileiro, sobretudo, no gosto juvenil, demonstrando um

importante avanço não apenas para a representatividade de uma causa, mas também para a normalização de vivências da comunidade LGBTQIA+.

De acordo com Menezes (2021), os jovens têm sido consumidores bastante presentes da Literatura Queer, fazendo com que ela ganhe força no mercado nacional e internacional. A partir disso, Necchi (2018) define a Literatura Queer (ou LGBT) por meio de características que evidenciam pontos cruciais na identificação de obras literárias do gênero, segundo ele, deve haver uma predominância, não obrigatória, de autores que pertençam à sigla, de enredos e personagens queer e que o afeto entre esses personagens compunha de modo predominante o universo do enredo criado.

A temática deste artigo surgiu após a finalização da leitura da obra ‘Enquanto Eu Não Te Encontro’ do autor brasileiro Pedro Rhuas. A obra de Rhuas cativa por meio da aproximação de realidades que há entre o seu público leitor e os personagens presentes na narrativa, todo esse contexto de aproximação nos motivou a pesquisar sobre o efeito de identidade e representatividade que a leitura de obras como esta podem proporcionar.

Sendo assim, neste artigo, tem-se o seguinte questionamento de partida: Como o público leitor entende a representatividade mediada pela obra Enquanto Eu Não Te Encontro?

Dito isto, este estudo tem como objetivo principal entender os caminhos que levam a apropriação da informação a se apresentar no indivíduo, por meio de uma leitura, fazendo conexões com os conceitos ligados à apropriação da informação, leitura e representatividade.

2 FILOSOFIA METODOLÓGICA

Os procedimentos metodológicos adotados no presente escrito foram, pesquisa bibliográfica de natureza exploratória descritiva, a partir de uma abordagem qualitativa, uma vez que o objetivo deste trabalho é apresentar uma relação entre a apropriação da informação e a leitura da obra Enquanto Eu Não Te Encontro de Pedro Rhuas.

Para Trujillo (1978, p. 173 apud Marconi; Lakatos, 2003, p. 167) a análise ou explicação trata do esforço em relacionar o fenômeno estudado com outros fatores, sendo assim, propomos neste artigo, evidenciar a relação existente entre a leitura de uma obra literária LGBT e a apropriação da informação dentro do mundo da leitura através da análise de conteúdo postulada por Laurence Bardin (1977).

Para tal utilizamos um questionário como instrumento de coleta. Foram doze questões, sendo seis de caráter aberto e seis de caráter fechado, obtivemos um universo de 75 respostas,

todas autorizadas pelos participantes para análise nesta pesquisa por meio de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O questionário foi divulgado no Rhuasverso, a comunidade de leitores do Pedro Rhuas, tanto no canal de comunicação do Instagram quanto do Telegram. A aplicação do questionário teve duração total de um mês de circulação, onde foi aberto para receber respostas no dia 08 de setembro de 2023 e ficou disponível até o dia 08 de outubro de 2023.

Portanto, a partir do referencial teórico, seguimos para uma análise explicativa do fenômeno da Literatura LGBTQIAPN+ no Brasil à luz da obra literária Enquanto Eu Não Te Encontro de Pedro Rhuas.

3 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E SEU PAPEL NO MUNDO DA LEITURA

Quando falamos sobre a mediação da leitura literária, traçamos uma lógica compreendendo a autonomia do sujeito em sua trajetória de leitura. Além disso, as leituras feitas por esse sujeito dizem muito sobre ele, ou seja, seus gostos, paixões, contragostos, desejos e afinidades, denunciando nas entrelinhas, os elementos que compõem o diálogo entre o seu mundo material, imagético que vai resultar na sociabilidade dele com o seu meio de convívio.

Trocando em miúdos, a relação entre primeira pessoa (eu) e a terceira pessoa (ele). Dessa forma, é possível perceber que o papel do mediador com seus receptores nascerá de uma relação entre as construções sociais individuais de ambos.

E é nessa tessitura, que a mediação da informação, na leitura, se apresenta, como um conceito focal para compreensão dos indivíduos que a compõem. Nesse mote, Cavalcante (2020, p. 7) soma ao dizer que “ser do mundo e estar no mundo faz com que as diferentes formas de ver o mundo se encontrem nas narrativas de cada um [...] desde que se pautem na ética”.

Em outras palavras, a partir de um olhar mais empático dos sujeitos é cabível denotar que as vivências sociais do outro são tão relevantes quanto as nossas, com intervenções que podem ser realizadas, mas sempre pautadas no respeito mútuo, uma vez que os indivíduos precisam se sentir aptos a exporem o seu (eu) para o (ele), para então acontecer o desenvolvimento aprimorado de uma visão reflexiva.

Cavalcante (2020, p. 8), reforça também que “precisamos do olhar mediador para compreensão da pluralidade existente nas linguagens e na construção do conhecimento humano”, anunciando, que no caso da mediação literária, duas ou mais pessoas vão auxiliar na

compreensão da diversidade de ideias, e, a partir disso, criar uma dialogicidade que elenque as várias compreensões dos sujeitos leitores.

Na atualidade, a literatura vem dando amplitude para visões mais sociais, elencando grupos de pessoas historicamente marginalizadas como a comunidade LGBTQIAPN+, evidenciando suas pluralidades contextuais por meio de suas vivências cotidianas o que demonstra e normaliza, de certo modo, suas essências humanas, isto é, são pessoas que comem, dormem, amam, trabalham, possuem família, vivem as dificuldades da vida cotidiana etc.

Quinalha (2022, p. 170, grifo nosso) apresenta-nos essa diversidade por meio do conceito de representatividade, ou seja, “a diversidade somada a um compromisso real em incluir, alterando a história de apagamento e estigmatização que marca os grupos subalternos”. Isto potencializa a ideia de uma formação inclusiva dos leitores fazendo com que eles se percebam como parte integrante de um todo maior.

Destacamos, a partir disso, que a mediação da leitura se trata de um ato de comunicação e diálogo com o (eu) para compreender o outro devendo levar em consideração também a autonomia dos leitores. Ressaltamos também, que a leitura como um processo dinâmico de comunicação, possui na sua existência, diversas características e o leitor contemporâneo precisa sentir-se incluso e representado nas narrativas.

4 APROPRIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NA LEITURA

Ao debruçarmos sobre a apropriação da informação, é possível constatar que sua usabilidade em pesquisas no contexto da Biblioteconomia e da Ciência da Informação é recorrente. Contudo, o conceito é abordado em segundo plano, atrelado a outros temas principais como Competência em Informação, Redes Sociais, Biblioteca Pública, Mediação Cultural, dentre outros.

Contudo, é válido apresentar, que dentro da mediação da informação e da leitura, a apropriação da informação tem ganhado notoriedade, desse modo, vem obtendo um espaço maior nas discussões da área.

Conforme nos apresenta Guaraldo (2020, p. 377), a apropriação da informação é gerada a partir “da relação entre o sujeito e o objeto numa situação de mudança, numa reorganização e transformação do conhecimento, sendo um processo, portanto, de produção de sentidos”. Dito isto, a apropriação da informação é um conceito que denota sua relevante contribuição para a CI, uma vez que apresenta a relação dos sujeitos informacionais com seu acesso à informação bem como o resultado produzido desse encontro.

Levando para o âmbito da leitura literária, podemos compreender por meio de um paralelismo, que o sujeito leitor se relaciona com o livro e a partir dele há a geração desse processo de mudança, uma vez que através do objeto livro pode-se se criar a transformação de conhecimento.

Por outro lado, Borges e Almeida Junior (2022) relatam que dentro do processo de apropriação da informação nasce também a materialização, que basicamente é a manifestação física ou não de uma informação presente no discurso interior de um sujeito.

Por exemplo, o escritor Pedro Rhuas, tem como manifestação física de seu discurso interior as suas obras literárias, suas músicas, suas postagens nas redes sociais, etc. Essa materialização é gerada por meio da produção de sentidos que foi criada no contato da informação com o sujeito informacional, ou seja, do contato entre seu público leitor e suas obras literárias.

De modo perpendicular, esse movimento também ocorre com os leitores, uma vez que a partir da interação entre obra literária e sujeito leitor acontece a geração de manifestações físicas como fanarts¹. Os autores afirmam também que a informação materializada é resultante das relações criadas por três subsídios, são eles: a manifestação informacional, a consciência informativa e a protoinformação.

A protoinformação, para Borges e Almeida Junior (2022), nasce da construção de uma informação que será materializada a partir da apropriação, mas para que a materialização aconteça, será necessário uma manifestação representada por algum objeto, no caso da literatura, fazendo um paralelo com este artigo, o livro seria esse “objeto”.

Surge, a partir daí, a manifestação informacional, apresentando o processo de materialização por meio da consciência informativa que gerará diferentes significações que podem ser materializadas por meio de uma manifestação física ou permanecer na não fisicalidade.

Em outras palavras, no que concerne ao entendimento de apropriação da informação, podemos absorver que a informação se concretiza, no sentido de materialidade, por meio da apropriação, logo, é por meio do ato de ler que a informação se materializa. Chartier (1999, p. 77, grifo nosso) afirma isso ao dizer que “a leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados.”

¹ Fanart, palavra em inglês composta pelos termos fan (fã, em português) e art (arte, em português), pode ser traduzida como fã-arte. Como o nome indica, a fanart é uma arte criada por um fã e toma como base alguma obra popular de ficção (como filmes, livros, mangás e games).

Logo, a partir dessa ideia, a apropriação da leitura ganha evidência por meio de um tripé apresentado a nós por Dumont (2020, p. 32), que se interconecta gerando uma estrutura robusta:

1) o contexto, quando se verifica que a interpretação da leitura depende de fatores sociais e culturais da vivência do leitor; 2) o sentido, o como o leitor interpreta e significa as suas leituras; e 3) a motivação, que leva o sujeito a querer ler determinada obra.

Figura 1 - Diagrama de Venn com o tripé sobre apropriação da leitura.



Fonte: Compilado pelos autores com base em Dumont (2020, p. 32).

Dito isto, acreditamos que a apropriação da leitura acontece por meio de um processo de geração de sentidos e significados que trarão ao leitor, por meio de suas interpretações, uma espécie de consciência, através do que lhe foi apresentado durante sua leitura.

Além disso, a leitura faz parte do processo de comunicação cotidiana que ocorre entre os sujeitos, influenciada pela cultura, interações e modos de ser dos indivíduos presentes em uma sociedade e em grupos sociais.

Ler não é somente a capacidade de decodificar letras, alfabetos, signos, mas é também a aptidão para abstrair, olhar com criticidade, fazer relação entre contexto e texto. Freire (1981, p.14) reafirma isso ao dizer que o ato de ler “implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘reescrita’ do lido”, ou seja, a nossa leitura do mundo é gerada a partir de uma evolução que nada mais é que o ato de ler.

Não obstante, entender a leitura em sua complexidade é necessário para vislumbrar o comportamento do leitor perante o processo de apropriação leitora. Jouve (2002, p.18) nos apresenta que a leitura possui diversas facetas e que ela se apresenta “como uma atividade de

antecipação, de estruturação e de interpretação.” Veja a seguir as facetas definidas por Jouve (2002). Para ele, a leitura se apresenta enquanto:

- a) Um processo cognitivo: ou seja, do que se trata a história? O leitor vislumbra em identificar e compreender a obra;
- b) Um processo afetivo: que emoções a narrativa suscita no leitor? Afinal são elas a base que farão o elo entre o leitor e a obra literária;
- c) Um processo argumentativo: toda obra traz em sua composição uma interpelação ao leitor e cabe a ele tomar aquela intervenção para si ou não;
- d) Um processo simbólico: a leitura vai atuar na individualidade, nas diversas possibilidades de interpretação do leitor.

Dito isto, compreendemos também que a leitura vai muito além do suporte em toda a sua materialidade, dado que na nossa realidade a linguagem se faz presente nas mais diversas formas, através das narrativas orais e não orais, sons, imagens e movimentos.

Portanto, interpretamos, que independente do seu formato, as leituras evocam no indivíduo a sua construção como leitor por meio das relações estabelecidas por ele, suas aflições, seus sentimentos, que são gerados a partir das apropriações feitas de modo íntimo.

Desse modo, concluímos que uma mesma leitura provoca nos leitores apropriações que não necessariamente serão semelhantes, e em muitos casos serão diversas, e, é nessa geração singular que afirmamos a leitura como um processo de apropriação, pois é a construção individual do sujeito.

5 CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA LGBTQIAPN+ BRASILEIRA

Candido (1999, p. 57) salienta que o primeiro romance com personagens homocentrados foi publicado em 1895 pelo escritor cearense Adolfo Caminha (1867-1897), com a obra intitulada ‘O Bom Crioulo’. A trama trouxe à tona “temáticas que até então eram grandes tabus sociais do Brasil no século XIX, como a homossexualidade e os relacionamentos inter-raciais.

A obra foi o marco inicial da literatura Queer no Brasil. Foi publicada, inclusive, dois anos antes do ‘De Profundis’ (Das profundezas) de Oscar Wilde (1854 -1900). Por muitos anos a obra foi proibida em bibliotecas e escolas e, durante a era Vargas (1930-1945), “a reimpressão do romance foi proibida sob a alegação de que seria uma obra comunista” (Moreira; Scabin, 2021, p. 166).

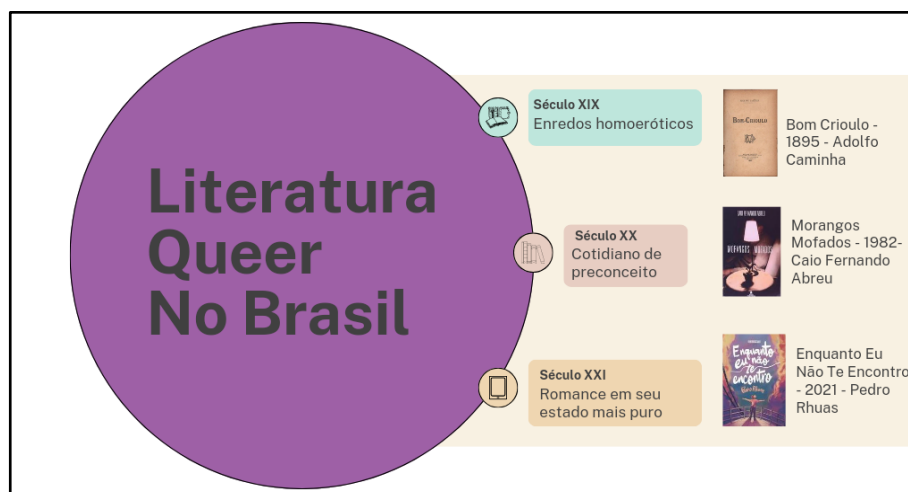
Quinalha (2018, p. 22) relata-nos que a Comissão Nacional da Verdade apontou que o Estado brasileiro “se valeu de uma ideologia de intolerância materializada na perseguição e na tentativa de controle de grupos sociais tidos como ameaça”, ou seja, a criação de um inimigo interno.

Durante as décadas de 1970 e 1980, os escritores brasileiros mostraram-se mais desenvolvidos em seus escritos para falarem sobre “suas vivências, seus afetos e suas angústias enquanto homossexuais” (Trevisan, 2018, p. 255).

Podemos citar vários autores que emergiram nessas décadas como: Caio Fernando Abreu e seus poemas sobre garotos a procura de amor na cidade grande, Silviano Santiago que escreveu o primeiro romance brasileiro protagonizado por uma mulher trans intitulado ‘Stella Manhattan’ de 1985, Herbert Daniel que escreveu ‘Passagem Para o Próximo Sonho’ (1982) uma autobiografia de seus anos no exílio trabalhando como porteiro de uma sauna gay em Paris.

Afora isso, se faz importante ressaltar, a partir de uma análise inicial de Autor e Cavalcante (2023), que a Literatura Queer no Brasil durante os séculos XIX, XX e XXI passaram por três fases: os enredos homoeróticos, o cotidiano de preconceito e por último o romance em seu estado mais puro, com obras que trazem assuntos complexos e que evidenciam a diversidade sexual do nosso país, não somente denunciando preconceitos, marginalizações e silenciamentos, mas também pavimentando e construindo possibilidades para a literatura queer da atualidade.

Quadro 1 - Fases literárias



Fonte: Compilação dos autores (2024).

Já no século XXI, é notório a vertiginosa ascensão de publicações LGBTQIAPN+ no Brasil, abrindo os horizontes de escrita para além do homo erótico e das vivências de

preconceito. Moreira e Scabin (2021, p. 168) apontam que muitos escritores publicam escritas abertas “para novos caminhos mais expressivamente criativos, juntamente com uma abordagem mais realista e segura”. Ou seja, uma nova roupagem, fator essencial para o surgimento de práticas socioculturais e apropriação da leitura.

5.1 As relações de apropriação leitora em enquanto eu não te encontro

A partir da construção conceitual, conseguimos observar a relação evidente entre leitura e apropriação da informação, bem como a importância da representatividade queer. Na atual conjuntura, ler, assim como qualquer outra atividade humana, é um fenômeno que está presente em bolhas informacionais, em grupos cada vez mais especializados da sociedade, em maior ou menor grau.

Com relação aos dados obtidos, Bardin (1977, p. 44) cita que a análise de conteúdo é centrada em “trabalhar nas palavras e suas significações” (Bardin, 1977, p. 66).

Petit (2008, p. 216) argumenta que “um texto nos apresenta notícias sobre nós mesmos, nos ensina mais sobre nós, nos dá as chaves, as armas para pensarmos sobre nossas vidas, pensarmos nossa relação com o que nos rodeia”.

A partir da representatividade da obra conseguimos perceber as vivências da comunidade LGBTQIAPN+ e a partir disso vemos a importância da presença de obras literárias que validem as capacidades e possibilidades das relações não somente amorosas, mas também as que fazem parte das vivências dos leitores.

Ademais, é por meio das obras literárias e da leitura que nós nos construímos enquanto indivíduos, o que Cavalcante (2018, p. 8) aponta ao afirmar que “o ato de ler destrói certezas, pois a pessoa que lê questiona, se inquieta, analisa, pondera, processa, identifica-se.” ou seja, constrói sua criticidade gerando suas percepções acerca de seus direitos e deveres contribuindo para a fabricação de suas consciências individuais que influenciam em seus papéis sociais dentro da coletividade.

Durante sua participação, em 2022, no Podcast Eu Leio LGBT, o entrevistador Felipe Cabral questiona Pedro Rhuas acerca do detalhe “corajoso” do autor em colocar uma bandeira de arco-íris na contracapa do livro e o casal na capa, e acrescenta, perguntando o porquê do autor publicizar o livro como uma obra orgulhosamente LGBT, uma vez que essas questões ainda estão em desenvolvimento dentro do mercado editorial brasileiro.

A resposta de Rhuas acerca do questionamento traz uma carga de apontamentos quando menciona que “a gente já foi invisibilizado por tempo demais, demorou muito tempo para a gente conseguir se ver minimamente representado nas obras que a gente consumia” (Eu Leio LGBT, 2022), trazendo à tona o simbolismo acerca dos anos de silenciamento até mesmo nos detalhes básicos de uma obra literária.

O autor finaliza a resposta acrescentando que vemos muitas capas com casais heterossexuais estampados nas principais livrarias do país então “por que não o mínimo de afeto queer orgulhosamente em uma capa de um grande selo editorial?”, denunciando que a presença de símbolos que reforçam a existência de pessoas LGBTQIAPN+ fazem a diferença.

Rita Von Huntz (2023) reitera que “toda identidade é resultado de um trajeto, de um percurso social, tem alguma coisa acontecendo nessa sociedade que permita que um sujeito emergja” (Identidade, 2023).

Dessa maneira, a literatura LGBTQIAPN+, por meio do auxílio das redes e da conquista de espaço nas editoras e livrarias, contribuirão certamente para a consolidação de futuras publicações dentro da temática queer, alterando a história de apagamento e contribuindo para a manutenção das identidades.

6 ANÁLISE DOS DADOS

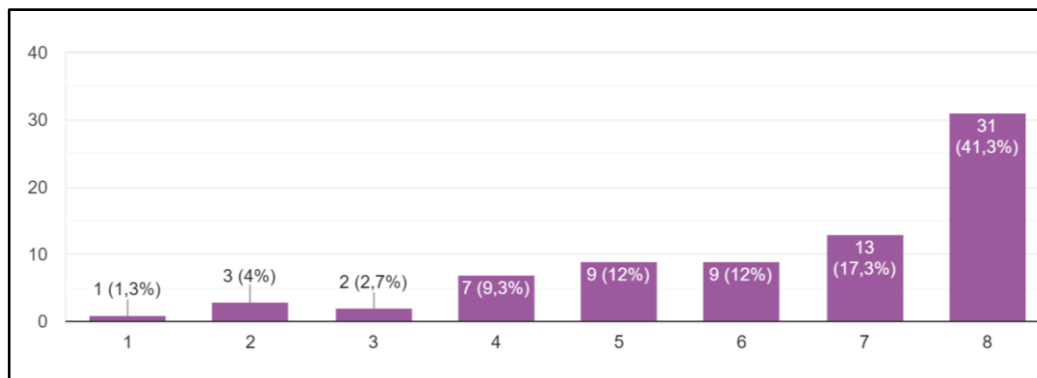
A partir dos dados coletados foi possível perceber que a maioria dos respondentes, cerca de 40%, se enquadram na faixa etária presente na classificação indicativa da obra (a partir dos 14 anos), seguido daqueles que possuem entre 18 a 22 anos (30,7%) e os de 23 à 27 anos (20%). Vale ressaltar que, mesmo em pequena quantidade, foi interessante receber respostas de leitores acima dos 32 anos

Com respeito à identidade de gênero, quantificou-se que a maioria, um total de 66,7% se identificou como mulher cis-gênero o que ratifica o fato de a maioria dos respondentes serem bissexuais. Na sequência, 20% se identificou como homem cis-gênero, 8% como pessoas não-binário, 2,7% como homem-trans e 2,7% de pessoas que preferiram não dizer.

No que diz respeito à sensação de representatividade com a história, foi evidenciado no questionário uma escala de 1 a 8 nas opções, sendo 1 para pouca identificação e 8 para muita identificação com a história do livro. Verificou-se que 41,3% sentiu-se muito identificado, em contra partida, 1,3% sentiu-se pouco representado. Quinalha (2022) nos fala que

representatividade está imbricada ao compromisso real de incluir, ou seja, a obra a partir desses dados, consegue suprir esse requisito de inclusão no seu sentido fidedigno.

Gráfico 2 - Nível de representação com a história.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No que concerne a motivação para ler a história, foram apresentadas as seguintes justificativas: os elementos gráficos de ilustração da capa, indicação de amigos, as referências à divas pop, o anseio de ler romance com protagonismo LGBTQIAPN+, por ser uma história ambientada na região nordeste do país, as divulgações realizadas no bookgram e no booktok, bem como pela obra ser de autoria nacional. Um dos respondentes pontuou que “Foi um dos primeiros livros que ganhou destaque em toda a mídia em larga escala, por ser uma das únicas narrativas gays que eu conheci apenas atrás de vermelho branco e sangue azul[..]”.

Outro respondente trouxe à tona seu gosto por histórias que “abordam o cenário de pessoas LGBTQIAPN+ e que mostrem a luta dos personagens contra a sociedade, sem esquecer também do processo de auto descoberta”.

A última pergunta tinha como intuito buscar entender se a obra traz contribuições para o cenário da literatura LGBT nacional. Por ser uma pergunta sem solicitação de justificativas, muitos respondentes apenas afirmaram com “sim”, ou seja, confirmaram que a obra contribui, no entanto, outros respondentes decidiram elaborar justificativas para suas afirmações.

Muitos comentaram da potencialidade que a obra tem para furar a bolha da comunidade e atingir outros nichos. Comentaram também sobre o aumento de visibilidade para livros nacionais pertencentes à literatura LGBT, bem como o fato da obra normalizar afetos, o que vai ao encontro do que é mencionado por Rita Von Hunty (Literatura, 2020, grifo nosso) que “Ser de um grupo social, pertencer a uma etnia, ter uma vivência seja ela de gênero, de raça, de classe, desenvolve nos sujeitos uma sensibilidade”, o que nos faz refletir sobre a existência de obras que trazem em sua estrutura a representatividade de um grupo social.

Petit (2008, p. 216) argumenta que “um texto nos apresenta notícias sobre nós mesmos, nos ensina mais sobre nós, nos dá as chaves, as armas para pensarmos sobre nossas vidas, pensarmos nossa relação com o que nos rodeia”. A partir dos relatos observados, a representatividade da obra consegue ser perceptível aos olhos de quem lê e, na atualidade, entendendo dos contextos e vivências da comunidade LGBTQIAPN+ é de suma importância a presença de obras literárias que validem as capacidades e possibilidades das relações não somente amorosas, mas também as que fazem parte das vivências dos leitores.

Portanto, o que aferimos por meio da observação desses dados é que “Enquanto Eu Não Te Encontro” consegue trazer aos seus leitores um compilado de tudo aquilo que os foi negado por décadas e décadas de preconceito, silenciamento e arbitrariedades, ademais, a forma como a história consegue impactar seus leitores é excepcional, trazendo os sentidos de identidade e representatividade queer, por meio da apresentação de elementos da comunidade LGBTQIPN+, construindo as possibilidades de afeto e amor que sempre estiveram dentro do espectro do “não aceito socialmente” e refletindo também nas motivações dos leitores em promover e perpetuar a sua leitura, bem como a continuidade do universo literário de Pedro Rhuas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos queer como são nomeados, desde sua origem no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, contribuíram certamente para que hoje em dia pesquisas como esta fossem possíveis. Entendendo isso, é relevante pontuar que o profissional da informação, como agente sociocultural, precisa combater o preconceito e os silenciamentos de grupos sociais vistos como minoria, mas que a rigor representam uma parcela significativa da população.

No passar dos anos, é notório que a discussão sobre a representatividade nos vários meios de informação e comunicação, não somente no Brasil, mas no mundo, se apresentam cada vez mais emergentes, e o profissional da informação, necessita apresentar uma postura mais ativa em seus ambientes de atuação, defendendo com mais afinco suas proposições.

Perante isso, se faz importante pontuar que a inclusão de literatura que traga representatividade de variados grupos sociais em acervos literários seja um dos direcionamentos do fazer bibliotecário, especialmente no que concerne à mediação e apropriação da leitura, compreendendo que as obras precisam, não somente conversar com seus usuários, mas também apresentar novas formas de se enxergar a realidade.

É nessa perspectiva que a diversidade se apoia e se manifesta. Isso demonstra ao usuário leitor, mesmo que de modo cauteloso, a disponibilidade para explicar e promover o acesso à informação, contribuindo também para a educação continuada dos mesmos.

A presença de literatura Queer em ambientes de informação, mesmo sendo uma tarefa cheia de desafios, dependendo do contexto inserido, se mostra necessária, uma vez que essas narrativas corroboram para a representatividade de indivíduos LGBTQIA+, contribuindo em suas identidades como seres sociais participativos, além de desenvolver e elevar o aspecto de pertencimento desses sujeitos, evidenciando as controvérsias das normas de gênero e sexualidade naturalizadas ao longo do tempo.

Portanto, afirmamos que “Enquanto Eu Não Te Encontro” consegue trazer aos seus leitores um compilado de tudo aquilo que os foi negado por décadas e décadas de preconceito, silenciamento e arbitrariedades, ademais, a forma como a história consegue impactar seus leitores é excepcional, trazendo os sentidos de identidade e representatividade queer, por meio da apresentação de elementos da comunidade LGBTQIAPN+, construindo as possibilidades de afeto e amor que sempre estiveram dentro do espectro do “não aceito socialmente” e refletindo também nas motivações dos leitores em promover e perpetuar a sua leitura, bem como a continuidade do universo literário de Pedro Rhuas.

Concluimos assim, que a apropriação da leitura literária, no contexto da obra Enquanto Eu Não Te Encontro, se dá a partir da relação entre os leitores e a obra, não somente por causa da identificação com as situações contextuais presentes na narrativa, mas também por meio da comunicação da escrita de Rhuas que cativa através da leveza de escrita, da construção de vivências da comunidade LGBTQIA+, gerando nos leitores o sentimento de pertença, performando com as sutilezas do subjetivo poético para lidar com assuntos mais carregados de consternação, sendo isso, inclusive, o mote da mediação no mundo da leitura.

REFERÊNCIAS

ARTOOLS. Inspiração e admiração: saiba mais sobre a fanart. 2 fev. 2023. Disponível em: <https://blog.useartools.com.br/o-que-e-fanart/>. Acesso em: 7 ago. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011. 281 p. ISBN 978-85-62938-04-7.

BORGES, Ellen Valotta Elias; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Apropriação: um pilar central da Ciência da Informação. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 119843, 2022. DOI: 10.19132/1808-5245284.119843. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/119843>, Acesso em: 03. Jul. 2023.

CANDIDO, Antônio. **Iniciação à literatura brasileira**: resumo para principiantes. 3. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 1999. 98 p. ISBN 85-86.087-53-X.

CAVALCANTE, Lídia Eugenia. Mediação da leitura e alteridade na educação literária. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-14, out./dez. 2020.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. Unesp, 1998.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. In: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação**: diálogos, fundamentos, perspectivas. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. cap. 1, p. 21-52.

EU LEIO LGBT: #003 Pedro Rhuas. Entrevistado: Pedro Rhuas. [Locução de]. Felipe Cabral. [S. l.]: Felipe Cabral, 20 out. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://spotify.link/sCAAvDsW6Db>. Acesso em: 22 out. 2023.

FREIRE, Paulo. Da leitura de mundo à leitura da palavra. Entrevista a Ezequiel Theodoro da Silva, 1999. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/2842/3/FPF_OPF_07_001.pdf. Acesso em: 04 mar. 2025.

GUARALDO, Tamara Souza Brandão. Cartas de leitores como espaços privilegiados de apropriação da informação e dos efeitos de sentido. **Informação & Informação**, Londrina, v. 25, n. 1, p. 373-404, jan./mar. 2020. Acesso em: 05 jul. 2023.

JOUBE, Vincent. **A Leitura**. São Paulo: Unesp, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MENEZES, Clara. Literatura LGBTQIA+: mercado nacional expande espaço para livros e autores. **Jornal O Povo**, Fortaleza, 11 de dezembro de 2021. Vida & Arte. Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/vidaarte/2021/12/11/literatura-lgbtqia-mercado-nacional-expande-espaco-para-livros-e-autores.html>. Acesso em: 05 jul. de 2024.

MOREIRA, Nayane Victória; SCABIN, Nara Lya Cabral. Representatividade LGBT 58 no mercado editorial brasileiro: editoras independentes, percepções de consumo e desafios contemporâneos. *Temática*, v. 17, n. 12, p. 164-181, 21 dez. 2021.

NECCHI, Vitor. **Não Existe Mais Dia Seguinte**. 1. ed. Porto Alegre: Taverna, 2018. p.196.

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

QUINALHA, Renan. **Movimento LGBTI+**: uma breve história do século XIX aos nossos dias. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. 197 p. ISBN 978-65-5928-168-8.

RHUAS, Pedro. **Enquanto Eu Não Te Encontro**. São Paulo: Seguinte, 2021. 271 p. ISBN 978-85-5534-154-0.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: **A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018. 726 p. ISBN 9788547000653.

VINHA, Felipe; MARQUES, Ana. **O que é Discord? Conheça funções, planos e dicas de segurança – Tecnoblog**. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-discord/>. Acesso em: 25 jul. 2024.